



Juri Licoombs

Cotidiano e Sociabilidade na obra literária de Inglês de Sousa.

Mauro Barreto

Mestre em Antropologia Social. Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará- UFPA



Como um lídimo representante da tendência realista-naturalista que despontava em nossas letras a partir da década de 70 do século XIX, o escritor obidense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) conseguiu abordar de forma objetiva, através da literatura, o modo de vida cotidiano de sua terra natal, legando-nos, com isso, um vívido retrato da sociedade cacauera amazônica de meados do século XIX.

Em todos os seus romances e contos, as narrativas reproduzem cenários e acontecimentos que permitem-nos vislumbrar situações típicas da vida regional amazônica: os costumes, os hábitos, as manifestações folclóricas, o linguajar regional, as crendices e superstições, o lazer, as festas, etc. A vida comunitária interiorana e suas formas de sociabilidade são apresentadas com profusão de detalhes. O autor também se preocupa em descrever as condições de vida das populações ribeirinhas, os tipos de casas e o material de que eram feitas as moradias – citadinas e rurais –, assim como diversos aspectos de sua existência doméstica.

Em seus dois primeiros romances *O Cacaalista* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877) – sendo o segundo, na realidade, a continuação do anterior – o enredo aborda a vida nas fazendas de cacau, as disputas latifundiárias e as exacerbadas lutas políticas durante a época dos pleitos eleitorais na minúscula Óbidos. No que se refere ao modo de vida dos ribeirinhos, na curta novela *História de Pescador* (1876) pode-se visualizar o cotidiano de um habitante da beira rio, as técnicas de pesca e a dependência que os caboclos tinham da fauna aquática para sua subsistência, bem como as explorações à que estavam sujeitos por latifundiários inescrupulosos. Em *O Missionário* (1891), a rotina e a ambiência da pequena vila amazonense de Silves é magnificamente fixada num livro que é considerado um dos clássicos da literatura naturalista em nosso país. *Os Contos Amazônicos* (1893) constituem uma coletânea de curtas narrativas que abordam desde histórias fantásticas inspiradas no folclore e no imaginário regional até ficção histórica da melhor qualidade.

Preocupado em retratar a vida amazônica, Inglês de Sousa reproduziu com acurácia muitos aspectos da existência cotidiana regional, desde a hora em se acordava até o momento de se deitar e dormir. À começar pelo banho matinal que os ribeirinhos tomavam ao se levantarem da rede (*O Cacaalista*, p. 69; *O Missionário*, p.193, 200) e depois também falando dos horários e do cardápio das refeições, que, via de regra, consistiam basicamente de peixe e de farinha-d'água – a farinha de mandioca –, os alimentos mais consumidos pela população amazônica. Fala também das espécies de peixes que eram mais apreciadas e consumidas, como o pirarucu, o tambaqui e o tucunaré. (*O Cacaalista*, p. 66, 85, 125; *O Coronel Sangrado*, p. 113; *História de um Pescador*, p. 93; *O Missionário*, p. 14, 24, 36, 88, 92, 152; *Contos Amazônicos*, p. 22, 69). Muito cobiçadas eram também a carne de tartaruga (*O Cacaalista*, p. 85; *História de um Pescador*, p. 127; *O Missionário*, p. 172; *Contos Amazônicos*, p. 22) e a do peixe-boi (*O Coronel Sangrado*, p. 113; *Contos Amazônicos*, p. 22).

Depois da manhã de trabalho, a hora da sesta, após o meio dia, era o momento de suspensão das atividades, com todos se recolhendo para

uma boa soneca na rede ou para descansar e cochichar baixinho, como faziam os escravos (*Contos Amazônicos*, p. 91). Nesta hora tudo parava e tanto nas vilas quanto nas fazendas imperava o silêncio e a quietude (*O Cacaulista*, p. 13; *O Coronel Sangrado*, p. 109). Já o jantar era pelo final da tarde, costumeiramente lá pelas cinco, e após essa última refeição as pessoas iam deitar-se em suas redes (*O Cacaulista*, p. 27, 41, 64-69; *História de um Pescador*, p. 164, 166-169; *O Missionário*, p. 201; *Contos Amazônicos*, p. 22, 79).

Na obra de Inglês de Sousa constata-se o uso ubíquo da rede, uma herança cultural indígena que era usada não apenas para se dormir, mas também como assento para descanso, bate-papo, relaxamento e até para se comer as refeições. Dona Ana Faria, a viúva de um próspero fazendeiro, passava o dia inteiro embalando-se na maqueira da varanda fumando e tomando café (*O Cacaulista*, p. 3, 7-8) ou recebendo a visita dos amigos (*O Coronel Sangrado*, p. 51); e não costumava levantar-se nem para almoçar (*O Cacaulista*, p. 12). Esta era, aliás, uma prerrogativa dos grandes cacaulistas: o lugar mais certo para se encontrar o tenente Ribeiro em seu sítio e o coronel Sangrado em sua casa na cidade, desfrutando do ócio reservado às pessoas de sua categoria social, era a rede (*O Cacaulista*, p. 58; *O Coronel sangrado*, p. 27, 85). Depois do almoço matinal, os que possuíam casas avarandadas atavam redes neste espaço doméstico e ficavam conversando e fumando (*O Cacaulista*, p. 52, 91-93). Por ocasião das festas, que geralmente duravam a noite toda, os pais levavam redes para que os filhos menores pudessem dormir enquanto continuavam a se divertir (*O Cacaulista*, p.34). Mas, independente de qualquer dia e hora, o bate-papo com amigos ou visitas em redes atadas na varanda era um arraigado costume amazônico (*O Coronel Sangrado*, p. 51; *Contos Amazônicos*, p. 111).

Naquela época a cama era um artigo de luxo e um sinal distintivo de classe social (Freyre, 1996). Mas geralmente só eram usadas pelos doentes ou convalescentes, já que nestas situações a rede se mostrava inadequada ao conforto e à recuperação do doente (*O Coronel Sangrado*, p. 168). Após o fiasco de sua malfadada e insana viagem missionária à Mundurucânia, o padre Antônio de Moraes recuperou-se de sua estafa, no sítio do caboclo João Pimenta, em uma cama que foi tirada do paiol "onde se achava por inútil" (*O Missionário*, p.173). Tão generalizado quanto o costume de dormir em rede era o hábito de fumar cachimbo de taquari ou cigarro de tauari, outra herança ameríndia, sendo o fumo era um vício disseminado por todas as camadas sociais e praticado por ambos os sexos.

Os romances e contos inglesianos retratam também a sociabilidade do homem amazônico oitocentista. Uma leitura sócio-antropológica de sua obra deixa transparecer que um tipo de interação social semelhante ao aduzido por D'Incao (1992, 1996) para o sudeste do país também se fazia presente na sociedade cacauzeira amazônica retratada em sua obra. Existia, é verdade, distinções hierárquicas étnico-sociais e preconceitos raciais, mas isso não impedia que no trato social diário prevalecesse uma sociabilidade ampla entre as pessoas de todas as categorias sociais.

Tanto nas vilas quanto nas fazendas havia uma ausência quase que total de privacidade, fosse no que se refere à vida pessoal, íntima, fosse no que diz respeito ao espaço físico em que viviam os membros da família. A forma de habitar de todos os segmentos sociais deixava exposta a intimidade dos lares, o que indicava que o modo de vida burguês ainda não havia se instalado ou consolidado na Amazônia do terceiro quartel do século XIX.

Tomemos o exemplo do coronel Sangrado, uma personagem do romance homônimo; ele era um dos homens mais ricos e influentes de

Óbidos, estando no topo da escala social. No entanto, sua vida era escancaradamente pública (*O Coronel Sangrado*, p. 27-28). Mesmo porque nas pequenas cidades interioranas era praticamente impossível se manter um mínimo de privacidade sobre a vida pessoal (*O Coronel Sangrado*, p. 71; *O Missionário*, p. 45). Mas este tipo de ingerência fazia parte do dia-a-dia e um dos locais preferidos para se conversar e trocar mexericos eram os estabelecimentos comerciais como lojas ou boticas. Era o que faziam alguns habitantes da minúscula Silves ao se reuniam diariamente, toda as tardes, para darem seqüência ao "*processo de sindicância da vida alheia*" (*O Missionário*, p. 42).

Mas o cotidiano amazônico não era somente a imiscuição na vida alheia. As obras de Inglês de Sousa permitem entrever um variegado leque de práticas e interações sociais. A hospitalidade, por exemplo, era um valor enraizado na sociedade cacauieira do Amazonas (*História de um Pescador*, p. 44; *Contos Amazônicos*, p.107). Muito dessa hospitalidade também poderia-se atribuir ao próprio isolamento em que viviam os habitantes ribeirinhos. A população rural da Amazônia dispersava-se por longos e remotos trechos de florestas e rios, conseqüentemente – excetuando-se a passagem intermitente dos regatões – as visitas dos vizinhos ou a chegada de hóspedes ilustres, como padres, eram praticamente os únicos contatos que os sertanejos tinham com o mundo exterior, daí serem sempre bem recebidos (*Contos Amazônicos*, p. 34, 107; *O Coronel Sangrado*, p. 51-54).

A população rarefeita e a descontigüidade das fazendas nos locais mais distantes das vilas também contribuíam para que os relacionamentos sociais ficassem praticamente restritos aos moradores dos próprios domicílios ou aos vizinhos mais próximos. Comentando a vida social da região amazônica no período que antecede ao ciclo da borracha, Ferreira Reis (1953) assevera que ela circunscrevia-se, em grande parte, ao interior dos lares, fazendas e propriedades rurais.

Sendo assim, as festas eram os momentos em que os vizinhos tinham a chance de se encontrarem e de se divertirem num meio isolado e sem muitas opções de lazer. Era, portanto, no espaço extradoméstico que a sociabilidade tinha mais chances de se manifestar. As festividades religiosas reuniam grande número de pessoas nas cidades enquanto que no campo haviam as festas particulares nos sítios e os mais diversos motivos e pretextos eram evocados para sua promoção. No tempo que residiu intermitentemente no vilarejo de Tefé, o naturalista britânico Henry Bates não deixou de notar que "Quase todo evento incomum, independente dos dias-santos, é considerado um motivo de festa para os sociáveis e descuidosos membros das comunidades branca e mestiça, como, por exemplo, enterros, casamentos, batismos, a chegada de visitantes, etc." (Bates, 1979:211).

As festas eram então, antes de mais nada, momentos de grande sociabilidade, reunindo num mesmo local, com o fito de se divertirem, os moradores das vilas ou das redondezas de um sítio na área rural. Na obra inglesa têm-se muitas reconstituições de festas e reuniões sociais realizadas tanto em ambiente urbano quanto no campo. O baile promovido pelo tenente Ribeiro em sua casa para recepcionar o alferes Moreira reunira quase todos os cacaulistas vizinhos "*que (não perdendo uma ocasião de dançar à custa*



Foto: Inglês de Sousa.

alheia) tinham vindo com suas mulheres, filhos, mulatas e moleques mais queridos" (*O Cacaulista*, p. 34). Uma festa típica no Amazonas tinha como principal atração a música e a dança, da qual todos participavam efusivamente. A animação ficava por conta de alguns poucos músicos instrumentistas que improvisavam uma pequena orquestra bem simples. As danças eram uma mistura de ritmos nacionais e estrangeiros: quadrilha, lundu, chorado, cateretê, polca e varsoviana (*O Cacaulista*, pg 14, 31, 106, 134; *História de um Pescador*, p. 65; *O Missionário*, p. 68, 74, 149; *Contos Amazônicos*, p. 78). Muitos jogos de prendas e brincadeiras, como a da "viúva", completavam o divertimento dos convivas (*O Cacaulista*, p.34; *O Coronel Sangrado*, p.76). No decurso da folia serviam-se diversos tipos de comidas e bebidas, cuja quantidade e variedade dependiam da riqueza e do prestígio de quem promovia o festejo (*O Cacaulista*, p. 31; *O Missionário*, p. 77; *Contos Amazônicos*, p. 75). O almoço matinal oferecido aos convivas durante a festa do cacaulista José Lopes é revelador: "constou de vaca, porco e papagaios, e de chocolate com bolos, para rebater os assados" (*O Cacaulista*, p. 91). Mas fosse em casa de rico ou pobre, o que se percebe é que um traço comum a todas era a cordialidade com que os anfitriões recebiam os convidados e a descontração com que os presentes se divertiam, descontração que aumentava sob o efeito da cachaça à medida que a noite avançava.

Uma típica festa de fazenda é retratada na *História de um Pescador*. O alferes Pinto, um próspero cacaulista, resolveu celebrar seu aniversário promovendo uma grande comemoração em seu sítio, e para isso convidou todos os moradores das redondezas, "grandes e pequenos" (*História de um Pescador*, p.62). Suas posses permitiam que desse uma daquelas festas "que duram dias, e nas quais a alegria é ruidosa e franca, e a hospitalidade magnífica; uma festa de sítio no Amazonas enfim!" (*História de um Pescador*, p.63). Logo na chegada os convidados eram recepcionados com fogos de artifício e à sua disposição havia abundante cachaça e vinho de cacau. Uma modesta orquestra formada por dois rabequistas e um flautista entreteinha os comensais que, sem se fazerem rogados, dançavam por todos os cantos, desde a varada da residência até o terreiro. A folia estendia-se também pela cozinha com as escravas rindo e dançando, ao som de um velho tamborista negro, enquanto cozinhavam. Apesar de toda algazarra, a festa começou comedida, mas depois, como usualmente acontecia nessas ocasiões, a descontração foi crescendo até virar uma balbúrdia total: "pouco a pouco foi aumentando o entusiasmo e a embriaguez produzidos pela dança e pela cachaça, e foi uma confusão, um rasgado, um barulho sem nome" (*História de um Pescador*, p. 65).

Muito embora as diferenças de classe e raça fossem circunstancialmente matizadas nesses momentos, o tratamento dispensado as pessoas refletia sua posição no renque social: os mais humildes sentavam-se em bancos rudes, enquanto as de melhor posição social dispunham de redes, conforme mencionado no texto transcrito anteriormente acima quando tratamos da rede (*História de um Pescador*, p.63). Percebe-se também que a generosidade do dono da casa podia ser um tanto seletiva, pois se de um lado oferecia "refrescos aos convivas de importância," por outro agradava aos pequenos tão somente "batendo familiarmente no ombro dos tapuios" (*História de um Pescador*, p.63). Mesmo assim, a festa caracterizou-se pela informalidade, reinando entre os partícipes uma ampla sociabilidade (*História de um Pescador*, p. 65-66).

Mas também havia as festas só de escravos. Nas grandes fazendas os senhores permitiam que os negros realizassem seus folguedos particulares. Em *O Cacaulista* temos a descrição de uma congada noturna realizada na

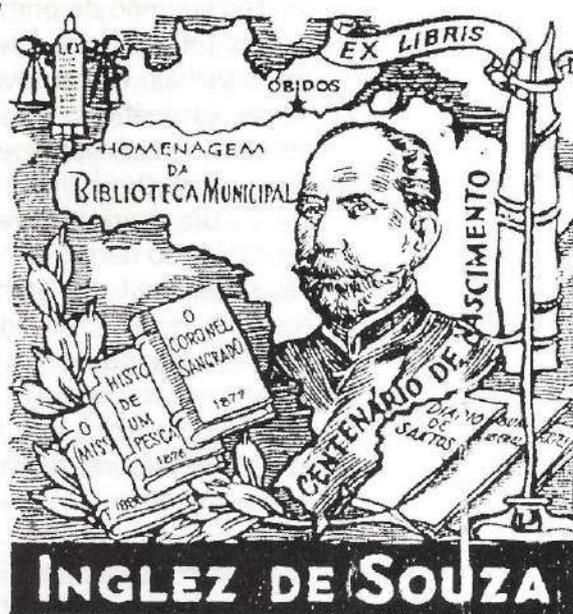
fazenda São Miguel. Em volta de uma grande fogueira acesa no meio do terreiro os negros dançavam e cantavam animadamente estimulados pela cachaça que corria de mão em mão (*O Cacaulista*, p. 51).

No outro extremo da escala social, as grandes festas podiam durar vários dias e noites. Invariavelmente começavam muito cedo, mas não havia hora para terminarem. A festa do cacaulista José Lopes, promovida para festejar o aniversário de sua filha, começou as sete horas da manhã, quando chegou a primeira canoa de convidados, e estendeu-se até às cinco da madrugada do outro dia e só terminou com a exaustão total dos dançantes e músicos (*O Cacaulista*, p. 107). O animado baile que se seguiu ao casamento de Rita só foi terminar ao romper da manhã (*O Cacaulista*, p. 134). Mesma hora em que terminou o baileco no sítio do tenente Ribeiro, com os convidados e sua criadagem ainda tomando um café oferecido pelo dono da casa antes de embarcarem, no maior rebuliço, em suas canoas (*O Cacaulista*, p. 37). Cumpre acrescentar, todavia, que, além do gosto pela folia, as festas interioranas se estendiam até a alvorada porque prudentemente se evitava de retornar para casa na escuridão da noite (*O Cacaulista*, p. 34).

Outra festa de gente "rica" é descrita em *O Missionário*. Trata-se do baile de casamento do Cazuzza Bernardino com a Mariquinha. À noite realizou-se, na casa do pai do noivo, uma esplêndida festa nupcial, ao qual compareceu "toda a sociedade seleta da vila, não faltava uma só pessoa grada" (*O Missionário*, p. 68). Os convidados se espalharam por todos os recintos da residência, que foi praticamente ocupada em todo seu espaço físico. Formavam-se grupos em todos os cômodos, desde a sala principal passando pelo corredor, alcovas – transformadas em gabinetes de bate-papo – , sala de jantar "e até pelo copiar da cozinha, os convidados espalhavam-se, fumando, bebendo, conversando, passeando, (...), querendo desforçar-se naquela noite de festa dos longos dias sensaborões da vida sertaneja" (*O Missionário*, p. 68). A festa, como sempre acontecia, começou bem acanhada. As damas ficavam sentadas em cadeiras e canapés alinhados na sala esperando que os rapazes criassem coragem para tirá-las para uma dança. No entanto, não demorou muito para se animar, em pouco tempo os pares já dançavam animadamente pela pequena sala e só paravam quando os músicos, um flautista e um rabequista, davam uma pausa nos instrumentos. A comensalidade era irrestrita e no decorrer da noite uma enorme variedade de comidas e bebidas foi servida para deleite dos convidados: bons-bocados, pastéis de nata, sequilhos, pão-de-ló, pão com manteiga, fatias-de-parida, chás, chocolate, cerveja Bass, etc. Sem dúvida era um "baile de arromba" (*O Missionário*, p. 77). A festa estendeu-se pela madrugada e, apesar da grande afluência de convidados, o dono da casa ainda queixava-se de que faltava povo, pois muitos moradores da vila já haviam abandonado a povoação e arribado-se em direção aos castanhais, se não fosse a "pândega dos castanhais [que] chama muito povo (...) a casa não chegava!" (*O Missionário*, p. 71).

A ida aos castanhais, mencionada acima, era uma ocasião avidamente esperada por todos os habitantes de Silves, que na época da colheita da castanha-do-Pará embrenhavam-se nas florestas da região, deixando o

1853 - 28 DE DEZEMBRO - 1953



vilarejo praticamente deserto (*O Missionário*, p. 57). O delírio que se apossava dos silvenses decorria da certeza de que nos castanhais haveria muita gente e muita festa (*O Missionário*, p. 74). Na realidade, além de atividade econômica, a ida aos castanhais era um ótimo pretexto para a folia e para o desregramento, dando brecha para que uma certa liberalidade moral tivessem a chance de se manifestar. Não por acaso o padre Antônio de Moraes queixou-se, em um grande sermão admoestador, que na ávida ambição de ganhar dinheiro suas ovelhas iam "perverter a alma no ermo dos castanhais, onde todos os anos se reproduziam cenas muito pouco dignas de gente católica, apostólica e romana" (*O Missionário*, p. 63).

Em 1877 José Veríssimo visitou um desses acampamentos de castanheiros num dos lagos do rio Trombetas, perto de Óbidos. Seu relato é um testemunho de primeira mão a respeito das precárias condições de vida desses retirantes nas brenhas das matas: dormiam em cabanas de palha, redes velhas, alimentavam-se irregularmente e estavam sujeitos a mortais febres sazonáticas, mas, por outro lado, dando suporte ao texto ficcional, observa que não prosperavam porque "gastam aí o que ganham em festas e pagodes" (Veríssimo, 1970:227).

Um comportamento semelhante é mostrado na *História de um Pescador*, ao narrar os eventos corriqueiros que ocorriam durante a estação das salgas no Lago Grande do Salé. As páginas dedicadas ao registro desse costume revestem-se de um sabor antropológico pela maneira realista e quase, para não dizer, etnográfica com que retratam esse importante acontecimento da vida social do ribeirinho amazônico. Quando chegava o verão, os caboclos que moravam na beira do rio Amazonas, desde Parintins até Monte Alegre, ficavam tomados de grande excitação e de um impulso irresistível de se deslocarem ao lago do Salé, onde pescavam e salgavam o pirarucu. Deslocavam-se em grandes levas e levavam toda a família:

"Não podeis ajuizar do entusiasmo, do verdadeiro delírio da gente pobre do Amazonas pelo *Lago Grande*, e outros lugares de pesca. Não há ninguém que não queira ir. Até mulheres, famílias inteiras, partem, que nada lá tem que fazer, partem, abandonando o sítio.

O tapuío do Amazonas deixa tudo, perde todas as vantagens, que lhe oferecerdes, pela *salga*. Os três meses do verão são de verdadeira delícia para eles. Quem falta a pescaria no lago perde um ano" (*História de um Pescador*, p. 94).

Ao chegavam no lago, imediatamente construíam rústicas cabanas para se abrigarem durante o tempo que lá passariam. O pirarucu que pescavam era salgado e trocado com os regatões por mercadorias como cachaça, açúcar, tecidos baratos e piraem. Mas o pouco que ganhavam era esbanjado em animadas festas e bebedeiras, por isso muitos voltavam completamente endividados e mais pobres do que quando foram; alguns perdiam até suas montarias em paga por gêneros permutados com os regatões. O que então os atraía a uma aventura na qual nenhuma ou quase nenhuma vantagem colhiam? O mesmo motivo que levava os silvenses a se internarem nos castanhais: as animadas festas que se realizavam todas as noites. Era o prazer de se divertirem e encontrarem outras pessoas que os impelia a deixarem tudo para se dedicarem a alegres folguedos ao ar livre ou em suas miseráveis cabanas. A sociabilidade era irrestrita e, se não anulava as distinções sociais, pelo menos nivelava momentaneamente todos os participantes do evento:

“É no *Lago Grande* que se encontram pessoas que nunca se viram ou que estiveram separadas por muito tempo, e onde se travam conhecimentos novos. Mesmo antes de lá chegarem, ao encontrarem-se no caminho os tapuios estabelecem fácil camaradagem entre si.

Reina a igualdade entre toda essa gente; porque muitas vezes acontece irem também pessoas como o capitão Fabrício e o alferes Pinto, que, se bem que não tenham em vista pescar por interesse, pescam por divertimento” (*História de um Pescador*, p. 95-96).

A pescaria era realizada durante o dia, mas já antes do fim da tarde a maioria encerrava suas tarefas e se entregava alegremente à dança e à aguardente, cujo excesso de consumo as vezes redundava em brigas. As cabanas das margens do lago, que ficavam parecendo uma grande aldeia em dia de festa, eram tomadas pelo rebuliço dos arrasta-pé que invariavelmente duravam a noite toda e varavam pela manhã seguinte, motivo pelo qual muitos dormiam até tarde perdendo as melhores horas do dia para a pescaria! Todo dia havia alguma novidade, como procissões de folia do Espírito Santo recolhendo esmolas e festas de santo que davam um toque religioso nessa atividade tão profana.

A sucinta descrição que Inglês de Sousa faz de uma dessas festas dá-nos idéia de como as pessoas se divertiam durante a temporada no lago. A humilde barraca do caboclo era varrida e as redes desatadas para que o único compartimento do abrigo pudesse ser usado como pista de dança, restando somente, num canto da sala, uma rede para idosos ou crianças. Eram festejos muito animados mas extremamente simples, dada a penúria econômica dos foliões, sendo que a cachaça era o único item que o dono da casa não podia deixar de oferecer aos convidados. Os moradores das cabanas vizinhas acudiam em peso. A pobreza e a pândega irmanava a todos e diluía as diferenças raciais: “*A concorrência era numerosa. Havia gente de toda a espécie: brancos, tapuios e negros*” (*História de um Pescador*, p. 100). A festa, que era entremeada de cantos e danças, se agitava mesmo quando os pares começavam a bailar com o costumeiro entusiasmo. Lá pelo meio da noite, a barulheira era geral e a cachaça e o suor faziam com que uma forte inhaça exalasse da cabana (*História de um Pescador*, p. 102). Com o fim da estação o lago era abandonado e suas margens voltavam a sua calma habitual, só quebrada pelo cantos dos pássaros selvagens (*História de um Pescador*, p. 95).

Por tudo o que foi discorrido, pode-se asseverar que a ida aos castanhais e a estação da salga no Lago do Salé eram eventos festivos que transcendiam ao seu aspecto meramente econômico e constituíam-se em verdadeiros rituais de pândega não institucionalizados. Eram fenômenos sociais que uma leitura antropológica classificaria na categoria dos “eventos informais [que] se fundam na idéia de espontaneidade, na despersonalização ou descentralização e na quarentena da hierarquia” (Da Matta, 1990:40), ou seja, eram momentos extremamente lúdicos e sensuais caracterizados por um afrouxamento das distinções hierárquicas sociais, semelhantes aos rituais de inversão do carnaval, o que possibilitava que uma sociabilidade ampla e descontraída se manifestasse espontaneamente. Por outro lado, a neutralização circunstancial das distinções hierárquicas pela sociabilidade informal e o relaxamento do controle social sobre os indivíduos propiciavam um afrouxamento das regras e padrões normativos ordinários. As distinções de classe e raça não impediam que se estabelecesse uma integração momentânea entre indivíduos de diferentes procedências étnicas e sociais, integração motivada pela satisfação de viver aquela confraternização coletiva

e experimentar o "sentimento de estar se relacionando com outras pessoas e estar tendo prazer com esse relacionamento" (Cetrulo Neto, 1999:17).

Eis porque eram acontecimentos ansiosamente aguardados por todos os moradores dos sítios e pequenas vilas ribeirinhas amazônicas que sobreviviam do extrativismo. Era um padrão de comportamento típico dos caboclos amazônicos, que, durante o verão, deslocavam-se em grandes levadas para as matas, lagos ou praias fluviais a fim de colherem o produto natural da estação (Ferreira Penna, 1973; Veríssimo, 1970). As tarefas coletivas realizadas nessas temporadas eram perfeitas combinações de trabalho e lazer, atividade produtiva com diversão, labuta e farra. Bates descreve uma situação bem semelhante à essa quando acompanhou uma expedição de catadores de ovos de tartaruga à ilha de Catuá, perto de Tefé, lá pôde observar essa curiosa combinação de trabalho e diversão: "Mas nem tudo era trabalho em Catuá; com efeito, o povo se divertia mais do que trabalhava, transformando essas ocasiões numa verdadeira festa" (Bates, 1979:243).

O trabalho coletivo nas atividades extrativas sazonais assumia feições lúdicas porque, entre outras razões, se constituía numa das poucas oportunidades que as pessoas que viviam dispersas na área rural tinham para se encontrarem e entabularem relações sociais prazerosas, quebrando, dessa maneira, a insossa rotina da vida sertaneja nos vilarejos, sítios e fazendas da beira rio. Neste sentido, essas fainas comunitárias representavam verdadeiros rituais anticotidianos, onde as regras sociais e morais vigentes no dia-a-dia eram temporariamente suspensas ou invertidas, um daqueles momentos em que "a sociedade se descentraliza" (Da Matta, 1990:40). Há também que se levar em conta que, devido à mentalidade não monetarista dos matutos interioranos, o ganho financeiro em si não constituía-se numa motivação fundamental para o trabalho, conforme atestou desanimado José Veríssimo em sua viagem pelo Baixo Amazonas. Para esse dileto obidense, embebido dos preceitos burgueses de modernidade e progresso, o que atravancava o desenvolvimento de sua província era a falta de ambição do povo paraense por qualquer tipo de conforto ou mesmo simples comodidade doméstica que fosse além da satisfação das necessidades básicas, isto é, sua indiferença à tudo aquilo que tornava "a vida material mais agradável" (Veríssimo, 1970:224). Aliás, essa imagem estereotipada do caboclo interiorano, despreocupado e indolente, também é externada por Inglês de Sousa quando refere-se à incúria habitual do tapuio (*História de um Pescador*, p. 132) e ao seu viver apático e preguiçoso:

"A qualquer hora, e em qualquer dia que se visite um destes miseráveis sítios, sempre se encontra o fogão apagado, a casa silenciosa, o mato crescido, e o dono da casa fumando, sentado no batente ou embalando-se na rede de americano. (...).

Não tendo rendas, não trabalhando em coisa alguma, sem a menor indústria, parece que deveria esta gente morrer de fome. Ela anda com efeito magra, pálida, abatida, mas isso de morrer, não; vive até muitos anos" (*O Cacauleta*, p. 102-103).

A propósito desse assunto, a observação de Ferreira Penna sobre os costumes e a rotina não capitalista de trabalho vigente entre os moradores de uma pequena localidade paraense, a vila de Oeiras, poderia ser perfeitamente estendida a todos os matutos interioranos da Amazônia; distinguíam-se os trabalhadores daquele lugarejo por uma "paixão muito pronunciada pelas festas, por um pendor notável para a ociosidade e por

Desenho de Percy Lau



grande indiferença para o dinheiro quando, para ganhá-lo, é preciso sair fora dos gostos e usos tradicionais; isto é, trabalhar” (Ferreira Penna, 1973:105).

Podemos concluir que esse comportamento aparentemente ocioso e a disciplina frouxa de trabalho, conciliando as atividades produtivas com recreação, ou, para ser mais preciso, que aproveitava o trabalho como pretexto para o divertimento, era um tipo de sociabilidade comunitária característico das populações caboclas interioranas da Amazônia oitocentista pré-burguesa e pré-capitalista de antes da expansão da economia seringalista, que trouxe para a região levadas de imigrantes nordestinos e aperfeiçoou, ao extremo, o sistema de endividamento estrutural centrado nos barracões (Oliveira Filho, 1979; Weinstein, 1993). Depreende-se também que as populações tradicionais da Amazônia não sentiam-se motivadas a trabalharem além da conta para adquirirem mais do aquilo que estavam acostumadas, para elas o que José Veríssimo (1970) considerava os elementos materiais indispensáveis à vida civilizada, como móveis e louças, não passava de supérfluo.



Foto: Casa em que morou Inglês de Sousa, Óbidos Pa.

Por tudo que foi exposto, pode-se asseverar que uma leitura sócio-antropológica da obra inglesiana, assessorada pelas fontes históricas, pode revelar variadas nuances do cotidiano e da sociabilidade que caracterizavam o modo de vida das populações amazônicas no terceiro quartel do século XIX, época em que a região apenas começava a ser atingida pela transformações que, como parte de um processo de expansão capitalista global, introduziam os novos valores da modernidade burguesa nas maiores cidades da região (Daou, 2000; Dias, 1999; Sarges, 2000). Momento em que também a lavoura cacauicultora, irremediavelmente abalada pela concorrência externa e, principalmente, pela ascensão do extrativismo seringalista, experimentava uma fase de irreversível estagnação (Santos, 1980).

Nos cinco livros que escreveu, Inglês de Sousa apresenta-nos sua visão da Amazônia cacauieira de meados do século XIX. Neles se pode ver diversos aspectos de seu cotidiano, “cenas da vida do Amazonas”, como ele mesmo denominou a coletânea que pretendia iniciar quando publicou seus primeiros romances. Inglês de Sousa não foi um antropólogo ou sociólogo, nem pretendeu fazer literatura documental, todavia, e aí reside seu valor, sua minuciosa descrição dos detalhes físicos e humanos locais e a maneira como fixou a realidade regional em seus enredos constituem um soberbo retrato da vida social cotidiana amazônica e das condições materiais de existência de suas populações ribeirinhas. Foi um regionalista tanto quanto um realista-naturalista, o que permitiu que sua obra enfocasse a paisagem natural e o meio social amazônico oitocentista: desde a rotina doméstica e as formas de subsistência até a opressiva exploração dos tapuios; aborda a rotina do dia-a-dia nas pequenas vilas e a monótona vida nos sítios e cacauais da zona rural; reconstitui o rebulição dos agitados pleitos eleitorais e os atritos fundiários entre cacaulistas; retrata a espontânea sociabilidade que norteava as relações interpessoais na vida familiar, comunitária, no lazer e nas atividades extrativas sazonais. Eis porque através da literatura inglesiana podemos visualizar o cotidiano amazônico do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, Henry. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. Col. Reconquista do Brasil, vol. 53. 1979.
- CETRULO NETO, Francisco. **Simmel: sociabilidade e sociedade moderna**. In: Sociabilidade: Espaço e Sociedade. Maria A. D'Incao (org). São Paulo: Grupo Editores. 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1990.
- DAOU, Ana. **A Belle Époque Amazônica**. Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed. Col. Descobrindo o Brasil. 2000.
- DIAS, Edínea. **A Ilusão do Fausto: Manaus-1890-1920**. Manaus: Editora Valer. 1999.
- D'INCAO, Angela. **A Casa, a Família e Modos de Vida**. In: Rev. Crítica de Ciências Sociais. nº 34: 65-83. Coimbra. 1992.
- _____. **Sentimentos Modernos e Família**. São Paulo: Ed. brasiliense.1996.
- FERREIRA PENNA, Domingos. **O Tocantins e o Anapu: Relatório do Secretário da Província**. In: Obras Completas. Belém: Conselho Estadual de Cultura. Vol 1:67-144. 1973.
- FERREIRA REIS, Arthur César. **O Seringal e o Seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/ Serviço de Proteção Agrícola. Documentário da vida rural nº 5. 1953.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrado e Mucambos**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Record.1996.
- INGLÊS DE SOUSA, Herculano M. **O Coronel Sangrado (Cenas da Vida do Amazonas)**. Belém: UFPA. Col Amazônica. Série Inglês de Sousa. 1968.
- _____. **O Cacauleta (Cenas da Vida do Amazonas)**. Belém: UFPA. Col Amazônica. Série Inglês de Sousa.1973.
- _____. **Contos Amazônicos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL. Col. Resgate/INL. 1988.
- _____. **História de um Pescador (Cenas da Vida do Amazonas)**. 2ª ed. Belém: FCPTN/ SECULT. Série Lendo o Pará nº 8. 1990.
- _____. **O Missionário**. 3ª ed. São Paulo: Ática. Série Bom Livro. 1992.
- OLIVEIRA FILHO, João. **O Caboclo e o Brabo: notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX**. In: Encontros com a Civilização Brasileira. nº 11: 101-140. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 1979.
- SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T. Queiroz. BBCS. Série. 1: Estudos brasileiros, vol. 3. 1980.
- SARGES, Maria. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- VERÍSSIMO, José. **Do Pará a Óbidos**. In: Estudos Amazônicos. Belém: UFPA. Col. Amazônica. Série José Veríssimo. 1970.
- WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920**. São Paulo: Hucitec/Edusp. Estudos Históricos 20. 1993.